

Dez autores e uma voz

Teresinha Ponce de Leon

Quem de nós não ouve, com deleite, histórias capazes de atrair e aprisionar nossa atenção?

A par do enredo que se propõe a desfiar perante os ouvintes, o contador de histórias deve deixar fluir, pelo viés da própria emoção, os sentimentos dos personagens trazidos à cena. Sua expressão facial, seus gestos, sua voz são os elementos filtrantes. A imaginação cuida do resto.

Neste trabalho, valho-me do fato de serem a voz humana e a literatura fontes inesgotáveis de conhecimento e prazer e, ao utilizar retalhos de obras que aprecio, pincei das narrativas algumas das fala que me pareceram particularmente expressivas. Na apresentação oral, tentei fazê-las escoar através da minha voz.

Da mesma maneira que hoje, graças à noção de “ texto”, aprendemos a ler a própria matéria da linguagem, assinala Barthes, assim será preciso aprender a escutar o texto da voz, a sua significância, tudo o que, nela, ultrapassa a significação.¹

[...] Ele não era belo com os olhos fechados. Toda a sua sedução estava na voz e nos olhos cinzentos [...] ²

O objeto (a) escapa à especularização e é a isso que deve o seu efeito de fascinação.³

Paris. Uma mulher atraente e madura, recém saída de uma longa relação, torna-se amante de um advogado solteiro e talentoso, pouco mais jovem do que ela. Extremamente ciumenta, sofre ao imaginar traições inexistentes:

- Quem é ela?
- Uma amiga.
Outra vez não consegui me conter.

[...] Mollard fez as apresentações dizendo: “ Meu principal colaborador [...] Já devem ter ouvido falar nele [...] Ele vai defender Christine T. [...] - Como ela está, a pobre menina? -- perguntou a senhora Mollard. –Muito abatida? Ela era tão bela [...] - Ainda é - disse Jerzy. - Eu diria mesmo que ela é sublime [...] [...] tinha que admitir que as palavras que se gravaram em minha mente foram: “ela é sublime”. E o tom com que Jerzy as havia pronunciado. ⁴

¹ Roland Barthes, “O Grão da Voz”, 1995, p.206

² Vasse, “ O Umbigo e a Voz “,1977, p.121

³ Françoise Giroud, “ Caro Amor”,1994, p.121

⁴ ibidem

[...] Significantes que recortam o objeto e o parcializam[...] Voz e olhar dependem da condição simbólica oferecida pelas características anatômicas dos orifícios [...] essas fendas contrácteis que se fecham e se abrem [...] 5

Em uma casa no Engenho Novo, trava-se um diálogo entre Capitu, a dos olhos de ressaca, e Bentinho, personagem-título e narrador:

- Dê cá, deixe escrever uma coisa.

Capitu olhou para mim, mas de um modo que me fez lembrar a definição de José Dias, oblíquo e dissimulado; levantou o olhar sem levantar os olhos. A voz, um tanto sumida, perguntou-me:

- Diga-me uma coisa, mas fale a verdade, não quero disfarce; há de responder com o coração na mão.

- Que é/ Diga.

- Se você tivesse de escolher entre mim e sua mãe, a quem é que escolhia?

- Eu?

Fez-me sinal que sim.

- Eu escolhia... mas para que escolher? Mamãe não é capaz de me perguntar isso[...]

Irlanda. Numa sala de redação, Ned Lambert sacode para o lado o jornal e grita pelo personagem conhecido como Daw Doido:

[...] A porta dos fundos abriu-se violentamente e uma rubra cara bicuda, empenachada por uma crista de cabelos plumosos, arremessou-se adentro. Os atrevidos olhos azuis relancearam-nos em torno e a voz estridente perguntou:

- Que é que há?

Tivoli. Vila Adriana. O imperador romano evoca a passagem pela Nicomédia, região da Bitínia, na Ásia Menor, onde conhecera seu jovem amante Antínoo, que se suicidara.

Naquela noite leu-se uma peça bastante obscura de Lícrofon [...] Um jovem postado à parte, escutava as difíceis estrofes com atenção ao mesmo tempo distraída e pensativa [...] Retive-o a meu lado depois que todos partiram. Era pouco instruído[...] mas

2

era ponderado e crédulo [...] consegui fazê-lo falar da sua casa paterna na orla das grandes florestas de pinheiros [...] Disse amar a música vibrante do templo de Átis [...] os belos cavalos do seu país [...] seus estranhos deuses. Tinha a voz um pouco velada e pronunciava o grego com o acento da Ásia. Subitamente, sentindo-se ouvido, ou talvez olhado, perturbou-se, corou [...] suas pálpebras, freqüentemente abaixadas na aquiescência ou no sonho, erguiam-se e mostravam os olhos mais atentos do mundo, a me olharem face a face.⁸

5 Juan David Nasio, " Cinco Lições sobre Lacan" 1993, pp.101-103

6 Machado de Assis, " Dom Casmurro", p. 101

7 James Joyce, "Ulisses", 1982, p. 97

8 Marguerite Yourcenar, " Memórias de Adriano", 1980, pp.157-159

Personagem da mitologia celta, Tristão, filho de Rivalino de Leônis e de Brancaflor, irmã do rei Marcos da Cornualha, luta ao lado deste, sem se identificar:

- Ah, Tristão, se fosses tu do meu sangue, e não André!

Mais densas as ondas rolaram, juntaram-se fecharam-se por cima da cabeça dele

[...] - Eu sou...Tristão de Lionês...o filho...de tua irmã...Brancaflor.

Há quanto tempo aquelas palavras haviam sido proferidas? Não pareciam sair dos seus lábios, mas de algum lugar além das águas invisíveis correndo por cima delas, pairando suspensas no ar, fora do seu alcance.

- Tristão! – O grito rouco, reprimido, escapou dos lábios de Marcos [...]

Tristão se espantava com a calma da sua voz, com a estranha obstinação que agora o dominava, como se, naquela hora, pela qual tanto esperara, em que se libertava das mentiras e rompia com elas, se tivesse tornado um estranho para si mesmo [...] E enquanto contava, com orgulho frio, impessoal, a sua infância, e falava de Roaldo [...] era como se juntasse os fragmentos do próprio corpo.

- E todo este tempo, Tristão, viveste a meu lado à sombra dessa mentira. Deus, por que não falaste nunca? [...]

- Eu teria falado, naquela noite em que cantei neste recinto e te ouvi mencionar tua irmã, minha mãe. Por Cristo te juro que teria falado, mas teu olhar se enevoou no que me pareceu então amargor ou ira [...] ⁹

A voz é o reflexo da mais profunda diferença entre os homens: a diferença dos sexos, o espelho de todas as diferenças de idade e de todas as particularidades individuais.

Fugindo da guerra, um grupo é seqüestrado e levado a uma aldeia numa longínqua montanha do Tibete. Lá, foram conduzidos a um mosteiro, onde a vida caminhava em busca de paz e sabedoria. Após quinze dias, um deles é chamado pelo Lama Superior:

- O Superior o receberá sozinho -- murmurou Tchang.

Tendo aberto a porta para que Conway entrasse, fechou-a depois tão silenciosamente que a sua retirada foi quase imperceptível. Deteve-se Conway hesitante, respirando uma atmosfera que não era só abafada, mas também sombria[...] Foi então distinguindo, pouco a pouco, uma sala baixa, revestida de cortinas escuras..... mesa e cadeiras. Numa destas estava sentada uma pequena, pálida e enrugada figura, imóvel na sombra, dando a impressão de um quadro antigo e descolorido, em claro-escuro[...] Conway notou com curiosidade a sua própria percepção intensa de tudo aquilo[...]Deu alguns passos à frente e estacou. O ocupante da cadeira tornou-se agora menos vago... Era um velhinho vestido à chinesa, e as amplas pregas da túnica lhe envolviam frouxamente o corpo exíguo e emaciado.

- É o senhor Conway? – murmurou em excelente inglês.

A voz era agradavelmente acariciadora e tocada de uma melancolia suave que encheu Conway de estranha beatitude [...] - Sou – respondeu.

A voz continuou[...]

9 Hannah Closs, “ Tristão e Isolda”, 1990, pp. 113- 114
10 James Hilton, “ Horizonte Perdido”, 1984, pp. 142-143

A voz tem um papel decisivo na produção do significante e, portanto, da presença; em suma, na produção do corpo, a partir do qual se produz esta presença [...]¹¹

Saigon. Uma adolescente francesa, filha de missionários, torna-se amante do filho de um milionário chinês, doze anos mais velho do que ela, vivendo um caso de amor angustiante e sem perspectivas.

Anos depois da guerra, depois dos casamentos, dos filhos, dos divórcios, dos livros, ele foi a Paris com a mulher. Telefonou-lhe. Sou eu. Ela reconheceu a voz. Ele disse: queria apenas ouvir sua voz. Ela disse: sou eu, bom dia. Ele estava intimidado, com medo, como antes. Sua voz começou a tremer de repente. E , com esse tremor, subitamente ela reencontrou o sotaque da China [...]¹²

Eu minto, mas minha voz não mente. Minha voz soa, exatamente, de onde no corpo da alma de uma pessoa se produz a palavra Eu.

Caetano Veloso, “ Drama”

Egito. Residência de Putifar, ou Petrepé, cortesão do faraó. Ele e sua con - sorte Mut-en-enet, ou Mut, falam sobre José, filho de Jacó e servo de Petrepé, por quem ela está secretamente enamorada:

- Tu sabes... como eu sei, como o sabe toda a Vese, que Mont-kav [...] já de um tempo para cá, trata tanto das coisas como tu. Faz-lhe às vezes um outro a quem chamam “a sua boca” e cuja ascensão a esse posto ninguém jamais acreditaria ser possível. E ainda não basta, pois é voz corrente que, depois do previsto passamento de

Mont-kav, a tal “boca” vai definitivamente investir-se nas suas funções, ficando nas suas mãos todos os negócios da casa[...]

- Pensas em Osarsif?

Ela baixou a cabeça.

- É um modo estranho de exprimir-se – respondeu ela – dizer que eu penso nele[...] tu, meu senhor, falas nesse escravo com uma desenvoltura que me afeta[...] e contra a qual o meu espírito se revolta. Se, pensando nele, tivesses dito: “ Vejo que te referes ao sírio[...]o escravo hebreu” – seria o natural e adequado. Mas a que ponto chegamos diz-mo tua expressão, que soa assim como se o tal fosse teu primo: chamá-lo confidencialmente pelo nome e me perguntas: “Pensas em Osarsif?”¹³

E com isso também ela pronunciou-lhe o nome, com um esforço que no seu íntimo a fazia feliz. Proferiu as místicas sílabas... que para ela encerravam toda a doçura do destino, e proferiu-as com um soluço no qual procurava pôr indignação, e mais uma vez cobriu os olhos com o seu manto.

Putifar ficou de novo sinceramente aterrado. – Que há? Que há, minha boa mulher? – disse, estendendo as mãos sobre ela, -- De novo lágrimas? Explica-me por quê. Chamei o servo pelo seu nome que é como o chamam todos . O nome não é a maneira mais breve de nos referirmos a uma determinada pessoa? Vejo que a minha suposição era justa. Tu pensas no jovem cananeu que me serve como copeiro e leitor e, não o nego, com minha inteira satisfação. Não devia isso ser um bom motivo para pensares favoravelmente em relação a ele? ¹⁴

¹¹ José Gil, “Corpo”, 1995, p.240

¹² Marguerite Duras, “O Amante”, 1985, pp. 126-127

¹³ Apelido adotado por José na terra do Egito

¹⁴ Thomas Mann, “ José e seus irmãos ”, 1983, Vol. II, pp.311 – 312

Caracterizando cada ser humano de maneira única, a voz assinala essa diferença por meio do timbre ou qualidade vocal.

Espanha. Corte de Felipe IV de Espanha (III de Portugal). Após apreciar a dança do conde da Peña Andrada e da senhorita de Távora, o rei se dirige a ela:

- Dançais maravilhosamente, senhorita.

E ela respondeu:

- Pois o meu par também não dançou mal. – E, dirigindo-se ao conde, perguntou: -- Onde é que aprendestes?

- Em todas as ilhas perdidas desses mares onde os homens e as mulheres dançam, mas muito especialmente no norte de Portugal.

Uma lágrima de saudade toldou os olhos de D. Francisca.

- Devia ter imaginado. Só ali se bailam esses passos.

- Um mais acima , senhorita, também.

- Acaso sois de lá?

- Não notais no acento?

- Só tinha notado que cantais ao falar[...] ¹⁴

[...] se perdemos o contato com o fonetismo da nossa língua, com a música da língua, destruímos a relação entre o corpo e a língua. A censura, histórica e social, implica uma perda do gozo da linguagem.¹⁵

Região do Piauí. Casa da Palma, onde Don'Ana Sodré, viúva ainda jovem era a Senhora. Sebastião, espécie de administrador, nutria por ela um misto de respeito e encantamento.

- Sinhá Ana não demora [...]

Era mais um sussurro do que uma emissão natural de voz, e Sebastião reconheceu, antes de se voltar, a musicalidade da entonação de Jati. Quando seus olhos focaram a pequena figura da índia, não houve troca de olhares, ela apenas hesitou, por uma fração de segundo, de cabeça baixa, antes de dar meia-volta. Tampouco a resposta de Sebastião veio no tempo certo, já alcançando a moça de costas.

- Lhe agradeço, Jati, o recado de Don'Ana. A gente sempre espera, de bom grado, quando o que se espera é de apreço [...]

- Muito bem, Senhor Sebastião, mais refeito agora? – Don'Ana sentando-se na tosca cadeira de madeira branca e assento de couro de boi. Sebastião não era o mesmo homem que respondera a Jati. A presença da Senhora sempre tivera o efeito de lhe atordoar a cabeça.

- Por favor, Senhor Sebastião, senta-te e conta-me as novas; quantas cabeças conseguiste, ao cabo?

Sebastião forçou-se ao sentar-se, mesmo na ponta da cadeira, os olhos fixos nos bicos das botas.

- Setenta e cinco ao todo, Sinhá Dona [...] 16

14 Gonzalo Torrente Ballester, " O Rei Pasmado e a Rainha Nua", 1993, p. 111

15 Roland Barthes, *ibid.*, p. 207

16 Carlos Nascimento Silva, " A Casa da Palma", 1995 p. 20

Cada fonema corresponde a uma representação acústica, permitindo sua identificação. Ao mesmo tempo, para que a linguagem seja perfeitamente compreendida, cada vogal deve possuir seu colorido próprio e, cada consoante, uma nitidez e uma precisão suficientes para facilitarem seu reconhecimento.

Isso diz da importância das cavidades de ressonância, uma vez que, nelas, tem origem a articulação – um mecanismo linguo-palatal, que põe em jogo movimentos extremamente finos, rápidos e precisos, que variam com cada fonema, ou seja, formas moventes que reagem umas às outras.

O timbre vocálico, ou das vogais, corresponde à melodia, indicada pela repartição dos formantes, proporcional à forma das cavidades de ressonância.

A boca é o mais móvel e controlável dos ressoadores. O movimento dos lábios altera, gradativamente, a ressonância.

[...] Ele se alimentava com o ar e com os sucos do Egito, comia as comidas de Keme; a água do país saturava e ingurgitava as células do seu corpo [...] dia a dia ele bebia com os olhos as conformações, obras da mão do homem [...] e falava o idioma do país, que dava à sua língua, às suas maxilas outra posição, diversa da que até então tivera, de sorte sorte que, dentro em pouco, Jacó lhe teria dito: “Damu, meu pimpolho, que aconteceu com a tua boca? Eu não a reconheço mais” 17

O foneticista Ivan Fonagy elaborou uma teoria lingüística das bases articulatórias e, por extensão, das bases fonêmicas, de acordo com a teoria freudiana das pulsões. Fonagy argumenta a favor das relações naturais entre os sons da linguagem e o conteúdo mental, isto é, a fantasia resumida pela metáfora (o que é possibilitado por uma relativa constância das metáforas). Ele relaciona, por exemplo, a escolha preferencial de certas consoantes num poema com as tonalidades emocionais predominantes. O som ou a articulação do som desencadeiam associações que, antes de chegarem a uma metáfora, passam pelo inconsciente. 18

17 Thomas Mann, *ibid*, p. 245

18 Kaufmann, *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*, 1996, p.663.

A pronúncia obedece à prosódia de cada idioma. Leia-se como exemplo as variações em torno de um tema:

Foi para vós que ontem colhi, senhora
Este ramo de flores que ora envio
Não o houvesse colhido, o vento e o frio
Tê-lo-iam crestado antes da aurora. 19

Quand vous serez bien vieille, au soir, à la chandelle
Assise auprès du feu, dévidant et filant,
Direz, chantant mes vers, en vous émerveillant:
“ Ronsard me célébrait du temps que j'étais belle!” 20

[...] coged de vuestra alegre primavera
el dulce fruto, antes que el tiempo airado
cubra de nieve la hermosa cumbre./
Marchitará la rosa el viento helado,
todo lo mudará la edad ligera,
por no hacer mudanza en su costumbre. 21

[...] Quando la rosa ogni suo' foglia spande,
quando è bella, quando è piu gradita;
allora è buona a mettere in ghirlande,
prima che sua bellezza sia fuggita;
sicchè, fanciulle, mentre è piu fiorita,
cogliàn la bella rosa del giardino. 22

19 Ronsard
20 Ronsard
21 Garcilaso de la Vega
22 Angelo Poliziano